“Histórias do Trabalho no Sul Global”
“Historias del Trabajo en el Sur Global”
“Labour Histories from the Global South”
I Seminário Internacional de História do Trabalho
V Jornada Nacional de História do Trabalho
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis
25-28 de Outubro de 2010

TRABALHO, LAZER, POLÍTICA: DIVERSIDADE NAS LÓGICAS ASSOCIATIVAS

Juçara da Silva Barbosa de Mello*

Não é novidade que a história operária[1] no Brasil vem crescendo em extensão e complexidade nos últimos anos, acompanhando uma tendência que a considera um tema:

> “[...] multifacetado, embora os níveis de realidade ou de análise formem um todo: trabalhadores e movimentos, bases e líderes, os níveis socioeconômico, político, cultural e ‘histórico’ – tanto no sentido de operarem num contexto dado pelo passado, quanto no sentido de que mudam ao longo do tempo em determinadas maneiras específicas.” [2]

---

* Doutoranda no Programa de Pós Graduação em História Social da Cultura da Pontifícia Universidade Católica/PUC-RIO. Linha de Pesquisa: História Cultural.

[1] Vide HOBSBAWM, Eric. “História operária e ideologia”. In: *Mundos do Trabalho: Novos Estudos sobre a História Operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000, p. 279. No primeiro capítulo da obra, o autor justifica a utilização da expressão: história operária, em vez de história do movimento operário. Esta última seria limitada ao estudo de segmentos organizados dessa classe. A perspectiva da referida obra, da qual me utilizo neste trabalho, refere-se a uma história da classe operária que procura levar em conta suas diferentes dimensões.

[2] *Ibidem*, p.28

No Brasil, a realização de inúmeros trabalhos fundamentados na análise das experiências vivenciadas pelos trabalhadores vem contribuindo sistematicamente no alcance de uma visão mais holística e integral de sua história. Trata-se de um processo que se desdobra simultaneamente em direção a duas vertentes, quais sejam, a do deslocamento espacial do foco de estudos e a da diversificação dos aspectos a serem considerados.

Durante um bom tempo, apenas uma pequena parcela do grande e diversificado conjunto de trabalhadores brasileiros constituiu o foco de interesses dos historiadores dedicados a este tema. De um modo geral, a análise voltava-se quase que exclusivamente às ações das lideranças trabalhadoras envolvidas no movimento operário organizado, por serem considerados – como já observado por Shalhoub – "mais articulados, dotados de uma determinada consciência de classe". Estava em jogo uma tentativa de "enquadrar" a trajetória dos trabalhadores brasileiros a um modelo determinado de consciência de classe.

Todavia, as análises sociológicas preocupadas com os grandes contornos foram sendo enriquecidas com estudos envolvendo a análise da experiência de trabalhadores anônimos em suas associações recreativas, cidades, vilarejos e até numa única fábrica[3]. O deslocamento deu-se tanto através de uma mudança de escala quanto na incorporação de novos espaços geográficos, fazendo crescer o mapa da história do trabalho no Brasil.

Santo Aleixo é um desses "novos lugares" onde, embora distante do centro da cidade do Rio de Janeiro, e talvez também em função disso, desenvolveram-se experiências que podem vir a "constituir uma nova densidade no quadro das interdependências entre agentes e fatores constitutivos"[4] da história do trabalho e dos trabalhadores do Brasil. Estes, em suas diversas categorias atuaram em tempos e espaços também diversificados, lançando mão de estratégias variadas para o alcance de seus interesses. Fosse nos espaços mais institucionalizados de luta como sindicatos e partidos, fosse nos pequenos territórios da vida cotidiana – no espaço do trabalho e fora dele – a seu modo, os trabalhadores encontravam maneiras de "ampliar os limites do

[3] Essa mudança de perspectiva deve-se, em grande medida, ao trabalho pioneiro do inglês E. P. Thompson sobre a formação da classe operária na Inglaterra.

[4] REZNIK, Luis. Qual o lugar da história local? São Gonçalo: RJ, Laboratório de Pesquisa Histórica/FFP/UERJ, 2001,p.3. Disponível em http://www.historiadesaogoncalo.pro.br .Acesso em 20 mar. 2007.

politicamente possível", lançando mão de diversas estratégias e táticas[5], só percebidas em sua amplitude e complexidade se vistas a partir de um olhar atento tanto à dimensão do trabalho e da política quanto à da vida doméstica e do lazer.

Como parte dos pressupostos e proposições de nossa pesquisa, está a concepção de que nas associações recreativas, assim como no espaço do trabalho, as identidades foram forjadas por meio de aproximações e distanciamentos fundadas em experiências de naturezas diversas, motivadas e norteadas por lógicas diversas. Sob esta perspectiva, uma análise praticada unicamente a partir dos laços que ligam os sujeitos ao trabalho fica aquém na tentativa de representar seu universo, pois negligencia o fato de que, embora suas ações e visões de mundo estivessem visivelmente associados ao compartilhamento da experiência coletiva do trabalho, outros elementos igualmente importantes, como seus lugares de origem, seus costumes, suas crenças, sua etnicidade, enfim os aspectos subjetivos que marcam diferentemente a vida de cada um, estavam em jogo. Levar em conta todos esses aspectos na análise significa considerar a existência de uma "multiplicidade de possibilidades", presente num processo aberto, cuja indeterminação abriu espaço para diferentes práticas políticas, como as presentes nos sindicatos e partidos e aquelas ocorridas nos pequenos territórios da vida cotidiana.

***

As atividades de lazer e cultura foram ao lado do trabalho fabril e das práticas político-partidárias elementos marcantes no complexo processo de constituição das redes de relações sociais nas quais se encontravam imersos os operários-moradores de Santo Aleixo. A consideração da complexidade presente na tessitura dessas redes está relacionada à concepção de que, embora o trabalho fabril representasse o ponto de interseção através do qual todos os demais se entrelaçavam, seria um erro tomar as identidades forjadas no espaço das relações sociais de trabalho – no qual o lugar social é demarcado mais em função de aspectos materiais – como as únicas identidades possíveis,

[5] Entendemos as táticas como resistências não planejadas que diferentemente das estratégias caracterizam-se pelo seu *não-lugar*, por ter que "constantemente jogar com os acontecimentos para os transformar em ocasiões." Pensar o funcionamento das táticas como um jogo não significa assumi-las como um discurso, como o são as estratégias, pois o que expressa é "a própria decisão, ato ou maneira de aproveitar a ocasião". DE CERTEAU, Michel. A Invenção do Cotidiano: artes de fazer. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007,p.47.

também significaria um equívoco compreender todo o universo cultural em que se encontra imerso um determinado grupo a partir exclusivamente da análise das identidades criadas no espaço simbólico da festa (do lazer).

Analisando os mecanismos e processos nos quais são tecidas as diversas redes de sociabilidades por meio das quais transitavam os trabalhadores, observamos que o trabalho fabril fundamentou um código de referências de uma mesma identidade social. Uma identidade social ampla que, como todas as demais, se apresentava contrastiva e situacional, aparecendo em momentos de confronto com os patrões, mas que não fazia tanto sentido no convívio cotidiano, no qual outros fatores funcionavam como mecanismos de aproximações e distanciamentos.

Em Santo Aleixo, a organização dos trabalhadores em espaços diversos favoreceu o estabelecimento de influências recíprocas, fosse entre as associações recreativas e o sindicato, fosse entre estes e os partidos. A forte ligação entre essas diferentes dimensões pode ser percebida através da análise das experiências vivenciadas neste universo, que criado em torno do trabalho fabril, sustentou-se através de equilíbrios sutis propiciados pelas práticas de sujeitos individuais e coletivos direta ou indiretamente ligados ao trabalho.

A análise da trajetória de alguns políticos e militantes de expressividade no local se apresenta como uma das muitas possibilidades de apreensão do modo como tais interações ocorriam, como no caso do pessedista Waldemar Lima Teixeira, santoaleixense que chefiou o executivo municipal por três mandatos. Sua base eleitoral e social fora construído sobre festas e associações recreativas, mostrando que a lógica do paternalismo e do lazer – que marcava a relação do patronato com o operariado local – adentrava também a política[6], evidenciando uma ligação entre esses diferentes níveis da vida social.

Segundo relatos de esposa e filhos de Waldemar Lima Teixeira, seu ingresso na política teria ocorrido de forma até certo ponto ocasional. Waldemar Lima Teixeira pode ser apontado como um dos poucos habitantes de Santo Aleixo que não se encontrava

[6] Waldemar Lima Teixeira esteve à frente do diretório regional do PSD desde sua fundação no município de Magé, em 1947, até quando foi criado o bipartidarismo no Brasil. Alguns aspectos de sua trajetória foram analisados em nossa dissertação de mestrado, na seção "política e sindicalismo no cotidiano operário". No momento trabalhamos no sentido de investir de forma mais efetiva na reflexão sobre as ações e estratégias deste importante chefe político local, sua relação sobre a situação sócio-cultural que caracterizou os operários-moradores do distrito de Santo Aleixo, bem como seus efeitos sobre ela.

vinculado a uma das duas fábricas do local, ao menos não diretamente. Santoaleixense de nascimento, desde jovem aliou dedicação às atividades comerciais ao envolvimento na organização de torneios esportivos e festejos religiosos, como a tradicional Festa de Santo Aleixo, ainda hoje realizada todos os anos no mês de julho. Estas atividades lhe conferiram influência tanto no meio operário quanto junto aos proprietários das indústrias locais.

Até o ano de 1947 não havia ainda demonstrado interesse pela política, o que viria a modificar-se inteiramente a partir de então.

> Um fato engraçado que papai contava pra gente é que ele só lia a parte dos esportes no jornal, ele não gostava de política de jeito nenhum [...] Na época foi nomeado prefeito interventor de Magé o Dr Ivan Mariz. Ele era advogado e jogador de futebol. Jogou no São Cristóvão que na época era time grande mesmo. Então ele fez amizade com papai por causa do futebol. Ele foi uma dessas pessoas que viam a liderança de papai, que fizeram a cabeça do governador para nomeá-lo interventor.[7]

De acordo com as declarações de seu filho, a liderança atribuída a Waldemar Lima Teixeira teria sido o fator determinante em sua nomeação como interventor, inaugurando sua entrada na carreira política. Uma liderança construída a partir das relações sociais tecidas no espaço do lazer, mais especificamente através de sua atuação no Guarany Futebol Clube[8] – associação recreativa que agregava grande parte dos operários de uma das fábricas do local, a Fábrica Esther ou Companhia de Fiação e Tecelagem Othon Lynch Bezerra de Mello. No Livro de Atas do Clube, o comerciante aparece como membro da diretoria desde 1937, quase sempre ocupando o cargo de presidente.

Em 1947, a convite do então governador do Estado Edmundo de Macedo Soares, foi empossado, como interventor, o primeiro prefeito santoaleixense do município, o comerciante Waldemar Lima Teixeira, permanecendo no governo até outubro do mesmo ano, quando foi eleito pelo PSD, seu correligionário José Ullmann Júnior.

---

[7] Entrevista com Nito Lima Teixeira, filho de Waldemar Lima Teixeira, concedida à autora em 05 jan. 2005.

[8] A partir de agora identificado pela sigla GFC.

A observação feita pelo Dr Ivan Mariz a respeito da liderança de Waldemar Lima Teixeira pôde ser comprovada, alguns anos mais tarde, em janeiro de 1951, quando voltou a ocupar o cargo de prefeito, mas desta vez através do voto democrático. Esteve à frente da política municipal até dezembro de 1954, quando se candidatou a deputado estadual, ganhando uma suplência.[9]

Desde a fundação do antigo PSD, em 1947, Waldemar Lima Teixeira ocupou a presidência do partido no município de Magé, permanecendo no posto até quando foi criado o bipartidarismo no Brasil.

Em 1958, Waldemar Lima Teixeira foi novamente eleito prefeito de Magé com expressiva votação. No mesmo pleito, era eleito para o mandato de vereador pelo PSB, com a surpreendente marca de 470 votos, um de seus principais opositores políticos em Santo Aleixo, o operário militante do PCB e líder sindical Astério dos Santos. Resultado que aparentemente pode retratar uma contradição – já que representavam posições político-ideológicas opostas e pareciam receber aprovação dos mesmos eleitores – mais que efetivamente revela que os valores solidários do grupo ou grupos de operários-moradores do local foram forjados tanto em função de seus lugares nas relações de trabalho quanto por meio de tradições, crenças e vínculos construídos no espaço de lazer e nas relações de vizinhança. Valores que em alguns momentos apareciam perceptíveis em suas peculiaridades, mas imbricados e sobrepostos na maior parte dos casos.

A atividade política de Waldemar Lima Teixeira não cessava em seus momentos de lazer no GFC. O Livro de Atas desta associação recreativa registra um extraordinário índice de presença e participação do político em suas reuniões. Nos momentos em que não esteve efetivamente na presidência, esteve por "detrás" – ou como pudemos constatar por meio de seus freqüentes pronunciamentos e sugestões registrados no Livro de Atas – "à frente" daqueles que estavam.

Conforme consta na Revista Comemorativa dos cinqüenta anos do Guarany Futebol Clube, em relatórios de reuniões presentes nas Atas e de acordo com relatos de ex-jogadores e antigos operários-moradores do local, desde sua fundação em 1917, o clube pôde contar com a ajuda financeira da antiga fábrica de Santo Aleixo, porém, no

[9] A maior parte dos dados referentes à vida particular e pública do ex-prefeito e deputado estadual Waldemar Lima Teixeira foram obtidos junto a sua esposa: Justiniana Cidade Teixeira e filhos: Nito Lima Teixeira e Nirton Lima Teixeira, que gentilmente no s permitiram acesso a documentos pessoais (diplomas, cartas e biografia escrita pela família) e ainda um rico acervo fotográfico, onde se encontra registrado boa parte da história política do local.

período da "Grande Depressão", precisou contar com recursos doados por colaboradores, torcedores e participantes, como o comerciante Waldemar Lima Teixeira, que após inúmeros mandatos dirigindo o Clube, foi eleito seu presidente de honra e nomeado orador oficial.

> Dentre todos os adeptos de nosso clube, um dos que mais se sobressaiu foi, sem dúvida nenhuma, o Sr. Waldemar Lima Teixeira, que pelo seu amado e intocável Guarany Futebol Clube tudo fez. Exerceu todas as funções. De simples atleta até presidente de nossa agremiação [...] Sua vida era dedicada exclusivamente ao Guarany, mas, infelizmente, a política municipal e estadual o roubou um pouco de nós, não totalmente, pois sabemos que ele nunca aceitará ficar alijado de nosso clube. [10]

O GFC não era apenas uma associação esportiva, era um centro recreativo onde os operários da Fábrica Esther podiam freqüentemente participar de bailes, apresentações das bandas de música, e das festas nos dias de carnaval. A presença do político Waldemar Lima Teixeira, agindo como patrono "protetor e defensor" do Clube, funcionava como mecanismo de aproximação entre o operariado e o proeminente chefe político local. Dotado de uma influência política que passava pela esfera municipal, estadual e até nacional, Waldemar Lima Teixeira se destacava como principal articulador junto à direção da Fábrica Esther, visando conseguir benefícios para o Clube, que em última instância se convertiam em benefícios para seus freqüentadores, os operários-moradores de Santo Aleixo.

No ano de 1960, período em que as atividades da Fábrica Esther iniciam lento e progressivo declínio, o então prefeito municipal e presidente de honra do GFC, Waldemar Lima Teixeira, cita em seu discurso: "O abandono da Fábrica Esther com o nosso clube é lastimável, pois ela nunca poderia deixar de nos auxiliar".[11]

O comprometimento de Waldemar Lima Teixeira para com as "coisas do clube" se não foi fundamentalmente uma estratégia política, acabou o sendo circunstancialmente, propiciando a formação de alianças provisórias e permanentes com operários "comuns" e também com os que ocupavam cargos mais elevados na hierarquia

[10] GUARANY FUTEBOL CLUBE. *Revista Comemorativa do Jubileu de Ouro (1913/1963). Santo Aleixo*, Magé, Rio de Janeiro, 1963, p. 5.
[11] GUARANY FUTEBOL CLUBE. Livro de Atas.p. 156.

fabril. Fato importante para compreensão de seu sucesso político, uma vez que Santo Aleixo, local em que nasceu e onde permaneceu até sua morte, abrigava duas das quatro fábricas de tecidos existentes no município de Magé.[12]

Se por um lado a atuação de Waldemar Lima Teixeira como "benfeitor" do Clube pode ser compreendida como uma estratégia política visando o alcance de popularidade, por outro revela que os benefícios oferecidos aos trabalhadores na esfera do lazer não devem ser entendidos como simples concessões oriundas dos empresários fabris ou do político Waldemar Lima Teixeira[13], mas firmados através de uma relação entre as partes. Relação esta que, embora operada sob bases desiguais, aponta para a existência de um jogo de forças processado por meio de determinações recíprocas entre trabalhadores, empresariado e política.

O operário Jair Rosa de Arruda, popularmente conhecido como *Zica*, aparece como sucessor de Waldemar Lima Teixeira na presidência do GFC em alguns mandatos, tendo, simultaneamente, ocupado a presidência do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis de Santo Aleixo e Magé no decorrer das décadas de 1940 e 1950. Embora o lugar fosse marcado por uma forte tradição de militância comunista, o *Zica*, mencionado pelo Dr. Irun Sant'Anna (militante comunista que funcionou como uma espécie de guia intelectual das lideranças operárias do local) como sindicalista *pelego*, elegeu-se presidente do Sindicato durante vários mandatos consecutivos.

> [...] Na época nós tivemos que enfrentar um operário chamado "Zica", que se elegia presidente do Sindicato permanentemente [...] O "Zica" foi durante anos uma pedra no sapato da "classe operária". Pra você ter uma idéia, para ter ligação com a "massa", nós promovíamos todos os sábados e domingos um baile na sede do Sindicato. E sabe o que "Zica" fez? Mandou pregar as cadeiras e ái acabou! Como tu ia fazer baile? O negócio era assim feroz! [...] O

[12] São elas: Fábrica Itatiaia, localizada no 1º distrito; Companhia de Fiação e Tecelagem Bezerra de Mello (Fábrica Esther) e Fábrica Unidas de Tecidos Rendas e Bordados (Fábrica Andorinha), localizadas no 2º distrito; Companhia América Fabril (Fábrica Pau Grande), localizada no sexto distrito.

[13] Eram freqüentes as doações em dinheiro feitas pela fábrica Esther ao Clube, especialmente no período de carnaval quando eram realizados os tradicionais bailes carnavalescos em sua sede social. Na Ata da Reunião dos sócios do clube de 8 de fevereiro de 1956 consta o registro da doação de cr$1000,00 pela pessoa do gerente da Fábrica Esther, enquanto o então deputado estadual Waldemar Lima Teixeira oferecia uma quantia de igual valor.

> partido sempre participava (no Sindicato), agora enquanto houve o negócio do Getúlio (na presidência), o "Zica" era mantido, pois era um pelego excelente![14]

A análise do Livro de Atas do GFC nos permite observar que este espaço de lazer funcionou como local em que identidades foram forjadas através da construção de vínculos entre políticos, operários de alto e baixo escalão, diretores fabris e comerciantes locais, através das relações sociais ocorridas a partir de uma lógica diferente daquela que determinava aproximações e distanciamentos entre os operários no espaço do trabalho. A proximidade entre chefe político Waldemar Lima Teixeira e o operário Jair Rosa de Arruda foi forjada através de seus envolvimentos nos clubes recreativos. Uma proximidade que possivelmente influiu nas atividades sindicais deste último.

O Jornal Imprensa Popular, em 1956, apresenta denúncias de que Waldemar Lima Teixeira – então ex-prefeito de Magé e atual deputado estadual pelo PSD – estaria, supostamente, tentando impedir a posse da presidência do Sindicato pelo líder operário, militante do PCB, Astério dos Santos:

> Não se conformando com a vitória da chapa adversária, cujo programa representa a vitória dos anseios dos trabalhadores, o cabeça da chapa derrotada, um tal 'Zica', instruído pelo chefe político pessedista local, Waldemar Lima Teixeira, engendrou um processo ridículo contra o Sr. Astério [...] Agora os meios patronais e seus prepostos não receberam com agrado o fato do Sr. Astério ter sido eleito presidente do Sindicato. Comenta-se mesmo que Sr. Waldemar Lima Teixeira anda espalhando aos quatro ventos que o Sindicato é um ponto chave na localidade e ele, como chefe político, não permitirá que o mesmo fique em mãos de pessoas que não se subordinem a seus interesses políticos.[15]

De fato, o Sindicato se constituía em "ponto chave na localidade", tornando-o objeto de intensa disputa entre os grupos políticos do local. Em 1949, o jornal O *Fluminense*, ao cobrir a visita do governador do Estado, Edmundo de Macedo Soares

---

[14] Entrevista com o Dr. Irun Sant'Anna, concedida a Felipe Augusto dos Santos Ribeiro, em 06 abr. 2006. Apud RIBEIRO, Felipe Augusto dos Santos. *Astério dos Santos, o operário: processo de acumulação política, memória e identidade dos trabalhadores têxteis de Santo Aleixo*. Monografia de graduação apresentada à Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). São Gonçalo, 2000.p. 59.

[15] IMPRENSA POPULAR. *Em Santo Aleixo: maquinações para impedir a posse do candidato eleito no Sindicato dos Têxteis.* Rio de Janeiro. A. IX,n.1825, 28 set. 1956.p.6.

revela que: "Esse sindicato, segundo informações que nos prestou seu tesoureiro, possui cerca de quatro mil sócios, tendo como presidente o Sr. Jair Arruda".[16]

Se por um lado, Waldemar Lima Teixeira, líder do diretório municipal do PSD, representava a ala conservadora, por outro estavam alguns destacados militantes que atuavam na política sindical e partidária, como Dr. Irun Sant'Anna e os operários Astério dos Santos, Paulo Lopes, Manoel Ferreira de Lima, Lúcia de Souza, Edna Nunes, entre outros.

Analisando as experiências desses trabalhadores por meio da documentação histórica e da memória social, observamos que as relações entre essas pessoas de posições político-ideológicas antagônicas podiam apresentar-se de forma bem mais complexa. Classificá-los a partir de critérios antagônicos significa forjar uma visão idealizada e, portanto, longe de corresponder ao que realmente ocorria no multifacetado mundo a que pertenciam esses trabalhadores. Um mundo no qual a motivação de atitudes e práticas sociais podia em alguns momentos ser definida por aspectos utilitaristas, em outros, por valores, crenças, afetividades ou tradições, mas, como apresentado anteriormente, na maior parte dos casos encontravam-se imbricados influenciando-se reciprocamente.

A interpretação do trabalho não só a partir dos atributos materiais que este podia garantir, mas também como sinônimo de dignidade ou como meio de acesso à cidadania, influenciou na própria formação da identidade desses trabalhadores. De acordo com Ângela de Castro Gomes, nesse momento da análise: "O estatuto do trabalhador é o que dá identidade social e política ao homem, fato magistralmente materializado pela criação da carteira de trabalho e pela definição da vadiagem como crime."[17] A idealização do trabalho como símbolo de uma boa moral foi tão forte entre os operários de Santo Aleixo que nos vimos diante de declarações nas quais posições político-ideológicas parecem ser suplantadas pela noção do trabalho como valor maior, que, embora não anule as divergências, em alguns momentos se põem acima delas. É o que parece nos sugerir a fala de Lúcia de Souza, operária engajada em greves e lutas sindicais.

> Waldemar Lima Teixeira foi prefeito várias vezes. Eu sempre gostei muito dele. Ele foi sempre muito popular. Não tinha nada contra ele não. Ele tinha lá

[16] O FLUMINENSE. Niterói: 22 de março de 1949. p.1.
[17] GOMES, Ângela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo.* 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.p.27.

> o armazém dele [...] Era um lutador. Apesar que eu nunca concordei com que fosse ao lado dos poderosos. Mas vê Waldemar Mello, aquele homem foi um homem lutador, que chegou a vice-prefeito. Hoje os filhos estão tudo ricos, mas ele foi um homem lutador. Tinha a lojinha dele ali pra sustentar aquela filharada toda. Eu gostava deles porque eles eram homens que lutavam![18]

Na visão de Lúcia de Souza, uma operária insatisfeita com as condições de trabalho – mas que o concebia como principal característica indicadora de valores positivos e de boa moral – embora nunca concordasse com quem fosse "do lado dos poderosos", o que realmente importava era que "eles eram homens que lutavam", ou seja, que trabalhavam.

É necessário esclarecermos que havia, de fato, uma estreita ligação entre o político Waldemar Lima Teixeira e os empresários fabris. "Waldemar Lima Teixeira, Ullmann, eram um dos tais que tinham muita influência na fábrica. Muita gente entrava na fábrica agarrada aí com os políticos, arranjava uma doença qualquer e se aposentavam."[19] Contudo, há de se considerar que o *Imprensa Popular* era um jornal claramente tendencioso, que não escondia a visão política e ideológica que defendia, tendo sido amplamente utilizado como instrumento de agitação operária e de fortalecimento dos militantes comunistas no Sindicato, como nos deixa claro as palavras do militante comunista Dr, Irun Sant'Anna: "Essas reportagens eram processadas por mim e pelo Partido. Havia toda uma estratégia [...] Nós não parávamos nunca a atividade política aliada à atividade sindical. [20]

O oferecimento do lazer tornou-se elemento de disputa entre as instituições patronais e a militância operária que, como visto acima, se preocupava em oferecer atividades recreativas com o fim de aproximar "a cultura operária militante da cultura não militante". Uma dicotomia que não deve ser concebida de forma rígida.

Encontramos nas dimensões sindical e político-partidário uma configuração que aponta para uma forte influência do processo de constituição de identidades tanto em torno do trabalho quanto das associações recreativas em que estava organizada grande

---

[18] Entrevista com Lúcia de Souza, concedida à autora em 10 out. 2007.
[19] Entrevista com Lúcia de Souza, concedida à autora em 10 out. 2007.
[20] Entrevista com o Dr. Irun Sant'Anna, concedida a Felipe Augusto dos Santos Ribeiro, em 06 abr. 2006. Apud RIBEIRO, Felipe Augusto dos Santos. *Astério dos Santos, o operário: processo de acumulação política, memória e identidade dos trabalhadores têxteis de Santo Aleixo*. Monografia de graduação apresentada à Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). São Gonçalo, 2000.p. 59.

parte dos trabalhadores do distrito de Santo Aleixo, inclusive alguns destacados militantes políticos do local. Entre eles estava Paulo Lopes. Exemplo típico do modo como "os trabalhadores implicados no usufruto do lazer [...] estavam ativamente engajados com a meta de uma sociedade mais justa na qual receberiam o 'reconhecimento' e a 'recompensa devidos'". [21]

> Eu nunca saí e bloco não, até dançava, mas nessas coisas sempre fui muito moderada, nunca fui muito chegada. **Seu Paulo Lopes é que gostava muito de carnaval**. Esse sofreu muito também, antes de 64**. Ele era do Sindicato, e na época que caçou o Partido Comunista ele foi preso e sofreu muito.** Aqui em Santo Aleixo tinha essas coisas todas. Tinha banda de música, bloco de carnaval, futebol, tinha isso tudo, mas eu nunca participei não. Só olhava assim, mas não participava não, **eu era mais da luta mesmo**! Algumas pessoas que participavam dessas coisas não estavam interessadas na luta [...] Só ficavam lá se distraindo, quando as coisas apertavam um pouquinho =, já iam logo se afastando.[22]

A fala da operária Lúcia denota uma característica comum entre alguns trabalhadores militantes que viam com desconfiança o envolvimento dos operários em atividades de lazer oferecidas pelos empresários fabris, não obstante, o fato de o próprio Sindicato utilizar estratégias de oferecimento de atividades recreativas visando uma aproximação com a "massa". Ao mesmo tempo a operária militante parece querer justificar a participação de seu companheiro Paulo Lopes em atividades recreativas, enfatizando imediatamente sua participação nas atividades sindicais e partidárias.

Paulo Lopes declara que "Trabalhava no segundo turno. Durante o dia estava livre. Eu entrava 2 horas da tarde e saía ás 10 da noite, então no resto do dia eu me dedicava as outras coisas[23]". Muitas outras coisas que incluíam sua ativa participação no Sindicato como filiado do Partido Comunista e na organização e liderança de blocos carnavalescos e da banda de música que representava a fábrica em que trabalhava. Em todos esses espaços, afinidades e dissensões foram desenvolvidas, a partir de lógicas

[21] KIRK, Neville. Cultura: costume, comercialização e classe. IN: BATALHA, Cláudio H.M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (orgs). Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Ed. da Unicamp, 2004, p. 67.
[22] Entrevista com Lúcia de Souza, concedida à autora em 10 out. 2007.
[23] Entrevista com Paulo Lopes, concedida à autora em 03 fev. 2005.

diferenciadas. É válido ressaltar, nesse sentido, sua participação como sócio freqüentador das reuniões do GFC. No Livro de Atas do Clube consta sua assinatura ao lado das assinaturas do operário Jair Rosa de Arruda e de Waldemar Lima Teixeira, que neste espaço apareciam como "aliados", mas que em outros, como no Sindicato e na prática partidária, tornavam-se "opositores".

***

Longe de significar um espaço de alienação e passividade, as associações recreativas nas quais estavam envolvidos os operários, fosse nos grêmios esportivos ou nos blocos em seu carnaval de rua, funcionavam muito mais como espaço do conflito que do consenso.

Na Ata da Assembléia do Guarany Futebol Clube, realizada no dia 22 de fevereiro de 1954 encontra-se narrado um episódio que aponta para a tensão que podia envolver a organização desses festejos. Ali consta que nesta reunião o "Sr. Presidente tratou da música para o carnaval, quando houve diversas discussões. O Sr. Moisés discutindo com o Sr. Presidente disse que a música só receberia nove mil cruzeiros. Houve muita discussão e o Sr. Moisés deixou o recinto.

Moisés Dias era um dos sócios e membro da diretoria do GFC . Ao que parece havia uma divergência com relação a aplicação de recursos nos bailes de Carnaval daquele ano. Após a retirada de Moisés Dias, o então presidente Carmélio Rodrigues, "leu um relatório de contas, que foi aprovado, ficando combinando também que os jogadores do 1° e 2° quadros, nos três dias de Carnaval, não pagariam ingressos". [24]

Uma série de outros episódios envolvendo os festejos de Carnaval estão narrados no Livro de Atas do Andorinhas Futebol Clube[25] e do Guarany Futebol Clube. Episódios que apontam para existência de uma grande efervescência social em torno do lazer, transformando esses espaços em lugares de embates sociais em que as identidades eram permanentemente forjadas.

O estímulo ao interesse pelas associações esportivas, parece ter sido motivado pela concepção do patronato de que os valores ali apregoados se assemelhavam àqueles

[24] GUARANY FUTEBOL CLUBE. Livro de Atas. 22 fev. 1954, p. 48.
[25] O Andorinhas Futebol Clube era a agremiação esportiva rival do Guarany Futebol Clube. Santo Aleixo abrigava dos bairros operários que rivalizavam entre si. O futebol e o carnaval foram a expressão maior dessas rivalidades. Neste artigo optamos por concentrar o foco nas atividades do Guarany Futebol Clube.

que se buscava instituir no "chão da fábrica". Em 1957, em reunião dos associados do Guarany Futebol Clube, após o Sr. Maurício Betânia – representante da fábrica Esther – ter declarado que a mesma patrocinaria a remodelação da praça de esportes do clube em "tempo mínimo", o então presidente da Liga Mageense de Desportos e sócio do Guarany, como que cumprindo um "pacto de reciprocidade", declara "ter em mente grandes planos para o campeonato desse ano, como instituir a "Taça Disciplina e a Taça Eficiência [...]."[26] A disciplina e a eficiência que se buscava atingir nos gramados eram as mesmas que se esperava dos operários jogadores no"chão da fábrica". É assim que "o futebol aparecia para os patrões como um bom meio de preparar o operário para a produção [...] o jogo o faria aproveitar o lazer como uma atividade que desenvolvesse o físico e desviasse a mente de outros tipos de preocupação.[27]

Além do claro interesse dos empresários fabris no investimento que faziam no lazer operário, o que mais este e outros episódios nos permitem perceber é a existência de um quadro no qual os operários se utilizavam da estratégia patronal para o alcance de seus interesses, revelando que o espaço do lazer era um espaço de embates sociais e de negociação no qual uma constante dinâmica de interesses conflitantes engendra um jogo, apenas percebido se considerado o caráter polissêmico de seu funcionamento. Segundo Michel De Certeau:

> Esse trabalho e seus jogos só se tornaram invisíveis de onde, na distância de uma classe que se "distinguiu" do resto, a observação só capta a relação entre o que ela quer produzir e o que lhe resiste. A cidade, o bairro, o imóvel não são aliás os únicos a fazerem funcionar juntos os fragmentos de estratos heterogêneos. A menor frase da linguagem comum "anda" da mesma maneira. Sua unidade semântica opera a partir de equilíbrios tão sutis, aos quais uma análise sintática ou léxica superimpõe um quadro superficial, o de uma "elite" que toma seus modelos pela realidade[28].

Nessa perspectiva, os episódios que marcaram o surgimento do Bloco Carnavalesco Aranha, em finais da década de 1950, são reveladores do modo como diferentes sentidos – a depender da perspectiva – podem ser atribuídos ao mesmo

[26] *Ibidem*, p. 98.
[27] PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania:* uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902- 1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p.267.
[28] DE CERTEAU. *Op.Cit.*,p.310.

acontecimento, justificando a relevância das análises voltadas ao exame da experiência desses trabalhadores, por ser este o ponto de vista que, aqui, nos interessa evidenciar.

O Bloco Carnavalesco Aranha, no início se apresentava como um "bloco sujo, de apanhado na rua. Era um tipo de um bloco de sujo mesmo. Só desfilava por aqui e desfilava quem queria"[29]. Com o tempo o Bloco Aranha foi sendo organizado e passou a receber apoio da Fábrica Andorinhas. O surgimento deste bloco se deu a partir de acontecimento bastante pitoresco. Um aracnídeo teria picado um operário da Fábrica de Andorinhas, chamado Afonso Carvalho, e, posteriormente, o subgerente conhecido como "Seu Shimit". Foi então que o folião Waldomiro Virgílio da Rocha, que também era operário da mesma fábrica, começou a organizar um bloco que brincasse com o caso, como nos relata o ex-operário-folião, Adecir Leal:

> O gerente alemão, seu Shimit foi picado por uma aranha na seção de algodão da fábrica. Disseram até que ele morreu disso, que teve a perna amputada. Mas ele era um gerente diferente. Os gerentes não se misturavam com o povo pequeno, mas ele era muito popular. Parava no bar e tomava cerveja com o pessoal. O pessoal do bar cismou de fazer uma gozação com ele no carnaval. **Era uma gozação e ele pensou que fosse uma homenagem.** Ele ofereceu um banquete pro pessoal do bloco quando aconteceu o desfile [...] Seu Shimit botou 1000 cruzeiros no estandarte e a mulher dele botou 500, numa época em que o pessoal de mais condição botava no máximo 20 cruzeiros. Com essa dinheirama todo o pessoal resolveu formar uma diretoria. Assim o bloco começou a ficar organizado e deixou de ser um bloco sujo.[30]

É interessante observar como o que era para os operários uma "gozação" foi interpretado pelo gerente da fábrica como uma "homenagem". Mais interessante ainda é o modo como os operários souberam aproveitar-se da situação para conseguir benefícios e assim garantir a organização do bloco.

Desvendar os signos presentes em situações aparentemente corriqueiras do cotidiano desses operários torna-se fundamental para a análise que pretenda se não

[29] Entrevista com Adecir Leal, concedida à autora em 08 dez. 2009.
[30] Entrevista com Adecir Leal, concedida à autora em 08 dez. 2009.

desvendar completamente, ao menos se aproximar do multifacetado mundo em que viviam esses trabalhadores.

Com o apoio dos homenageados, seu Waldomiro tratou de confeccionar as alegorias e compor a marchinha que se transformou em tema do bloco: "Aranha-boi pra morder não faz convite / mordeu no pé do Seu Shimit. / O pé me dói, já está ficando inchado / Chame o doutor que já tô apavorado".[31]

Desfilando sem fantasia própria, os foliões traziam como abre-alas uma grande aranha, vindo, em seguida, o estandarte. Desse modo, acontece o primeiro de muitos carnavais que passam a ser animados por este famoso bloco local.

Outra experiência que aponta para a lógica diferenciada e ao mesmo tempo reciprocamente influenciada da dimensão do lazer e do trabalho é a de D. Maria Oneida, operária que considerava o trabalho na fábrica "uma escravidão, uma escravidão mesmo! [...] eu sofri muito ali naquela fábrica [...] pra mim era um pesadelo", nos momentos que antecediam os dias de Carnaval via emergir uma outra identidade que metaforicamente a colocava numa posição de extremo oposto àquela forjada no espaço do trabalho. Esta mulher se deslocava de seu papel de "escrava" para assumir o lugar de "rainha", sem que isso significasse total separação entre essas identidades opostas. A administração da Fábrica Esther, visando uma boa apresentação do Bloco Tribo Guarany no desfile de Carnaval, oferecia tratamento especial à "operária-rainha".

> Fui porta-estandarte da Tribo Guarany, inclusive quando eu fui ser porta-estandarte [...] eu sempre fui muito magrinha, né. Então o chefe do bloco (Paulo Lopes), foi pedir ao médico da fábrica, pra me dá licença, três dias pra mim descansar, pra agüentar o carnaval. E ele me deu a licença (risos). [32]

Este é mais exemplo de como as identidades forjadas no espaço do lazer e na esfera do trabalho se articulavam apesar de forjadas a partir de lógicas diferenciadas. Tal articulação talvez fosse o que conduzia a operária – em alguns momentos – a referir-se a Fábrica como uma mãe, "uma mãe severa, mas uma mãe"[33]. Tudo isso nos permite

[31] Entrevista com Adecir Leal, concedida à autora em 08 dez. 2009.
[32] Entrevista com Maria Oneida Peclat, concedida à autora em 18 jan. 2007.
[33] Entrevista com Maria Oneida Peclat, concedida à autora em 18 jan. 2007.

compreender o caráter dinâmico, contingente, provisório e plural que marca a identidade.[34]

***

Fazer parte das redes sociais constituídas no interior das fábricas e nos bairros localizados em seu entorno, era compartilhar de referenciais culturais e experiências comuns que, embora não resultasse em comportamentos e visões de mundo, absolutamente homogêneos, significava a orientação por determinados signos e padrões que garantiam a manutenção de uma forte identidade coletiva do grupo de operários-moradores de Santo Aleixo. Lembrando sempre que, como afirmara Bourdieu, "a construção e atribuição de identidade equivale certamente a uma estratégia de legitimação, de afirmação de hegemonia, na medida em que estabelece modelos sociais de conduta (...) frutos de uma negociação simbólica".[35]

A identidade ligada ao trabalho, embora ampla e sólida, tinha seus contornos embaçados pela emergência de outras motivações e interesses compartilhados no espaço do ócio no qual, tanto quanto na esfera do trabalho, alianças provisórias e permanentes se construíam. *Variadas e variáveis* identidades envolvendo um mesmo grupo, composto, no entanto, por sujeitos particulares, foram forjadas. Identidades que se articulavam, embora sustentadas por referenciais até certo ponto autônomos.

Os sujeitos, obviamente, não se apresentam como uma página em branco. Um movimento contínuo de interações ocorridas cotidianamente favorece, processualmente, uma constante construção, desconstrução e reconstrução cultural e identitária ocorridas através de influências recíprocas entre as diferentes culturas e identidades. Daí a percepção das experiências vividas e percebidas de maneiras absolutamente novas.

Em suma, a noção de que os trabalhadores envolvidos com o usufruto do lazer seriam meros reprodutores de uma dita cultura dominante, não se sustenta quando o foco volta-se à recuperação das experiências dos trabalhadores em geral e não apenas de uma pequena parte presente nos sindicatos e associações militantes. Lembrando que muitos

[34] Cf. ALMEIDA, Maria Regina Celestino de; AZEVEDO, Cecília. Identidades plurais. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (orgs.) *Ensino de história:* conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 25-26.
[35] BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico.* Lisboa: Difel, 1989, p. 113.

desses trabalhadores transitavam por esses diferentes espaços, neles assumindo diferentes identidades que, no entanto, não deixavam de articular-se. Analisar essas experiências a partir da própria experiência e não de algum modelo criado a *priori* permite "fundamentar historicamente a idéia de que havia uma pluralidade de sujeitos políticos na sociedade, lutando a seu modo para atingir objetivos que lhes eram caros e assim governar a própria vida".[36]

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Entrevistas

Concedidas à autora

Maria Oneida Péclat	18/01/2007
Nito Lima Teixeira	05/01/2005
Paulo Lopes	05/01/2010
Adecir Leal	08/12/2009

Concedida a Felipe Augusto dos Santos Ribeiro

Irun Sant'Anna	06 abr. 2006

Referências bibliográficas

ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (orgs.) *Ensino de história:* conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

[36] SHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim:* o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle époque. (Prefácio) – 2ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.

BATALHA, Cláudio H.M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (orgs). Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Ed. da Unicamp, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico.* Lisboa: Difel, 1989.

DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*: artes de fazer. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GUARANY FUTEBOL CLUBE. *Livro de Atas.*

GUARANY FUTEBOL CLUBE. *Revista Comemorativa do Jubileu de Ouro (1913/1963). Santo Aleixo*, Magé, Rio de Janeiro, 1963.

GOMES, Ângela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo.* 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

HOBSBAWM, Eric. "História operária e ideologia". In: *Mundos do Trabalho: Novos Estudos sobre a História Operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

IMPRENSA POPULAR. *Em Santo Aleixo: maquinações para impedir a posse do candidato eleito no Sindicato dos Têxteis*. Rio de Janeiro. A. IX,n.1825, 28 set. 1956.

O FLUMINENSE. Niterói: 22 de março de 1949.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania:* uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902- 1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

REZNIK, Luis. Qual o lugar da história local? São Gonçalo: RJ, Laboratório de Pesquisa Histórica/FFP/UERJ, 2001,p.3. Disponível em http://www.historiadesaogoncalo.pro.br .Acesso em 20 mar. 2007.

SHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim:* o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle époque. (Prefácio) – 2ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.

THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*: a árvore da liberdade – Trad. Denise Bottmann – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *A Formação da Classe Operária Inglesa*: a maldição de Adão – Trad. Renato Busatto Neto, Cláudia Rocha de Almeida – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *A Formação da Classe Operária Inglesa*: a força dos trabalhadores – Trad. Denise Bottmann – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Costumes em comum:* estudos sobre a cultura popular tradicional. Trad. Rosaura Eichemberg, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. Folclore, História e Antropologia. In: *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. (org. Luigi Negro e Sérgio Silva). Campinas, São Paulo: Ed. da Unicamp, 2001.